

# **Mídia e valorização das guerras: a *inventio* na construção das vidas que importam**

**Claudiana dos Santos  
Marcia Regina Curado Pereira Mariano  
Neilton Falcão de Melo**

## **Considerações iniciais**

*Se a filosofia da história é a reflexão sobre o destino da humanidade no seu conjunto, a presença da guerra em cada fase da história humana, pelo menos até hoje, constitui [...] um dos problemas mais inquietantes e fascinantes.*  
(Bobbio, 2003, p. 51)

A guerra é um evento que se dá em um determinado território, mas que mobiliza o mundo inteiro em questões de ordem sociocultural, econômica e política. Muitos canais de notícias televisivas atuam praticamente vinte e quatro horas por dia na cobertura dos acontecimentos e expõem, até de forma repetitiva, os detalhes da devastação. O fascínio pelas guerras retoma questões delicadas, como a banalização da violência e da vida. Conforme Ventura e Seitenfus, “em época de guerra, o nacionalismo, a xenofobia, o fanatismo religioso e outras enfermidades devem ser suficientemente fortes para transformar outro ser humano num estranho, e logo a seguir, num inimigo”<sup>1</sup>. Temos, assim, uma (des)construção da imagem do outro.

Os conflitos desencadeados entre Rússia e Ucrânia ganharam visibilidade em todo o cenário mundial, especialmente a partir do dia vinte e quatro de fevereiro de dois mil e vinte e dois, quando foi consolidada a invasão da Ucrânia por tropas russas. Entre os principais motivos para a concretização da invasão russa ao território ucraniano encontra-se a aproximação da Ucrânia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), contudo, é bom lembrarmos que existe um contexto histórico amistoso entre os dois países do Leste Europeu.

A mais recente guerra, no Leste Europeu, tornou-se um grande evento que repercutiu mundialmente, ao ocasionar crise econômica, humanitária e imensu-

---

1 Ventura e Seitenfus, 2005, p. 15-16.

ráveis perdas humanas. Os holofotes midiáticos centralizaram as suas atenções nesse grande acontecimento, que assim como tantos outros, atacaram e destruíram mais uma vez, o bem precioso do ser humano, o valor da vida.

Ao tomarmos como exemplo o discurso jornalístico, observamos que para tratar dos países envolvidos em guerras constrói-se a imagem dos que agem como proponentes e oponentes; há o manuseio de premissas argumentativas que prendem a atenção, despertam o interesse do auditório e, por isso, há o uso de informações com a finalidade de “esclarecer” e notificar os fatos, com vistas a aproximar o telespectador a uma tomada de decisão, uma escolha.

Por certo, a TV tornou-se para muitos o único canal de acesso às informações e a influência desse meio de comunicação na vida das pessoas é cada vez mais nítida. Nesse sentido, o sociólogo britânico John Thompson assegura que “em muitas sociedades industriais do Ocidente de hoje, pessoas adultas gastam entre 25 e 30 horas por semana olhando televisão”<sup>2</sup>. Isso é bastante perigoso e torna-se um problema, visto que a televisão tenta produzir nas pessoas uma mesma mentalidade, um mesmo raciocínio, formando a cultura de massa, oposta, digamos assim, ao senso crítico.

Partindo desse prisma, neste artigo propomo-nos a analisar como ocorre o processo de *inventio* referente à “construção do outro” nas pautas jornalísticas de quatro grandes telejornais da televisão brasileira quando tratam sobre a guerra entre Rússia e Ucrânia. Selecionamos quatro emissoras de TV: Record, Bandeirantes, Rede Globo e SBT. Nossa análise toma como base teórica os pressupostos da Nova Retórica, especialmente, com as cooperações de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e a Problematologia de Michel Meyer (1998).

Ao assumirmos o pressuposto bakhtiniano de que não há neutralidade nos discursos, podemos afirmar que no jornalismo não é diferente. Por esse viés, ao pensarmos que a televisão serve aos interesses capitalistas, não há estranhamento que em uma guerra haja unilateralismo e silenciamento das informações. Exemplo disso, ao direcionar nosso olhar para a guerra entre Rússia e Ucrânia, constatamos como os meios de comunicação deram ênfase a esse conflito. No entanto, de acordo com Daniel Gallas (2022), mais sete conflitos sangrentos ocorrem hoje no mundo, mas a guerra entre russos e ucranianos – diferentemente de conflitos em países como Iêmen, Etiópia e Mianmar – tornou-se a principal manchete de grande parte dos veículos de imprensa do mundo e tem causado uma mobilização internacional pouco vista nas últimas décadas.

Para Vitória Regina e Norberto Liberator (2022), há vários jornalistas que se posicionam direta e indiretamente do lado dos ucranianos. Há veículos de imprensa que abordam a guerra entre russos e ucranianos a partir de uma solidariedade e comoção seletivas, em alguns casos de forma explícita, deixando subentendido, em certos momentos, o discurso de supremacia branca. Como exemplo, Regina e Liberator comentam que o jornalista Charlie D’Agata, correspondente da rede

---

2 Thompson, 1995, p. 09.

estadunidense CBS, afirmou que a situação da guerra parecia ser mais problemática porque Kiev, capital da Ucrânia, era uma cidade “relativamente civilizada, relativamente europeia”, diferentemente de lugares como Iraque e Afeganistão. Em outro exemplo, Regina e Liberator (2022, s./n.) afirmam: “Desde o início do conflito, vemos um show de horrores exibido em jornais ao redor do mundo. A comoção se limita às pessoas brancas, loiras e de olhos azuis, como disse – não em tom de crítica – o político ucraniano David Sakvarelidze”. Esses discursos demonstram o desprezo por vidas não europeias e deixam subentendidas outras formas de preconceito. A princípio, as estratégias argumentativas dos telejornais aparentam segmentar pontos de vista sobre as vidas mais/menos importantes.

Nota-se, assim, que na perspectiva jornalística determinadas vidas, muitas vezes, não importam. Há, portanto, uma construção do outro, a depender de quem é esse outro. Esse descaso, em circunstâncias de guerra, inclui também deficiências nas políticas de comunicação e no fluxo de informações no mundo<sup>3</sup>. Isso favorece o monopólio dos meios transnacionais de comunicação quanto à influência na informação de mão única.

Nessa perspectiva, cumpre lembrar que jornalistas juntam provas/informações e argumentos para sustentarem os seus posicionamentos e, enquanto representantes de um meio de comunicação de massa, representam a formação da “opinião pública”. Com esse fim, para que um discurso tenha eficácia, “inicialmente, é preciso achar o que dizer”<sup>4</sup>. Desde a Retórica Antiga, esse primeiro passo em busca de recursos para defender determinado ponto de vista é denominado de *inventio*.

Em vista da posição adotada pela imprensa brasileira nas exibições de notícias sobre a guerra no Leste Europeu, suscitamos a hipótese de que há uma supervalorização de vidas europeias atingidas pela guerra entre Ucrânia e Rússia em detrimento de outras vidas ceifadas pelas guerras operantes no mundo. É como se algumas vidas fossem importantes e outras não. Frisamos que não se trata aqui de questionar a importância dessas vidas, nem de diminuir os estragos causados por essa guerra, mas de questionar o porquê de essas vidas e essa guerra serem exploradas em exaustão, enquanto outras vidas e outras guerras são praticamente ignoradas pela imprensa.

## O processo de *inventio*

A etimologia do vocábulo *inventio* provém do grego *heúresis* e do latim *invenire*. Como atividade dialética abrange duas operações: achar os argumentos (*invenire* = achar) e avaliar os argumentos encontrados (*judicare* = julgar)<sup>5</sup>. Esse processo de invenção não é criar nada de inédito, “apenas se percorre um caminho batido,

---

3 Silva, 2006.

4 Mosca, 2004, p. 27.

5 Tringali, 2014.

bastando deparar, nos lugares apropriados, com os tipos padronizados de provas”<sup>6</sup>. A *inventio* “é o estoque do material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso”<sup>7</sup>. Trata-se da primeira etapa do sistema retórico, todavia, um projeto retórico é sustentado por cinco elementos constituintes do discurso: invenção, disposição, elocução, memória e ação.

Do ponto de vista da constituição do sistema retórico, a *inventio* é um momento primordial na construção da informação jornalística e começa a ganhar corpo no momento em que a equipe de determinado telejornal toma conhecimento do que será tratado e como será tratado. É nesse momento que o jornalista (o orador) procura identificar-se com o auditório estabelecendo acordos por meio do assunto em pauta com vistas a encurtar possíveis distâncias. Diante disso, passa a reunir todos os argumentos que julga necessários para a ocasião. Com esse intuito, “o modo mais adequado de dizer está diretamente relacionado aos aspectos interacionais do discurso: saber a quem dizer, por que dizer, quando dizer, por onde dizer, com qual propósito dizer”<sup>8</sup>.

Os argumentos e os modos de dizer podem ser encontrados nos lugares retóricos, considerados “grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório”<sup>9</sup>, mas sempre com o objetivo de persuadir. Esses armazéns, na perspectiva dos precursores da retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, são simplificados em dois grandes grupos: os lugares retóricos da quantidade e os da qualidade. Sucintamente, fizemos alusão aos lugares retóricos porque os concebemos como grandes armazéns de provas, capazes de reunir argumentos pertinentes para o processo de invenção. Dessa forma, podemos considerá-la sob dois ângulos: o do orador e o do auditório. Não podemos esquecer, assim como ressaltou Ferreira (2017), que para o auditório esse processo pode ser imperceptível, todavia, é de extrema importância para o empreendimento retórico-argumentativo do orador, visto que se transpõe em outras etapas do discurso, como a disposição, a elocução e a ação.

## **Ideologia, hegemonia e a construção do auditório**

Inicialmente, destacamos que em Gramsci a ideologia é um fenômeno resultante das transformações sociais e históricas e “integra os recursos simbólicos que são utilizados pelas diferentes classes na luta pela obtenção da hegemonia”<sup>10</sup>, que se estrutura em consonância com as categorias política, econômica e cultural. Na concepção gramsciana, mesmo que o sujeito seja subalterno, isso não o impede de

---

6 Idem, p. 133.

7 Mosca, 2004, p. 28.

8 Piovezan, 2017, p. 38.

9 Ferreira, 2017, p. 69.

10 Correia, 2004, p. 250.

ser racional, ativo, revolucionário, que pode autogovernar o seu destino, visto que ele é influenciado ao mesmo tempo por ideologias diferentes, que lhe permitem alcançar a hegemonia através de sua formação política.

Ao analisar os embates pela hegemonia, Gramsci distingue duas esferas no interior das superestruturas. A primeira, representada pela sociedade política, que “detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle dos grupos burocráticos unidos às forças armadas e policiais e à aplicação das leis”<sup>11</sup>. A segunda, representada pela sociedade civil, designa “o conjunto de instituições responsáveis pela elaboração e propagação de ideologias enquanto concepções de mundo”<sup>12</sup>, entre elas, os meios de comunicação.

A imprensa, de modo geral, intercala-se entre as esferas pública e privada. Nesse sentido, Silva afirma: “a imprensa – como parte integrante da esfera pública – encontra-se no espaço intermediário entre o indivíduo e o Estado, realizando a mediação entre a sociedade e o poder estatal”<sup>13</sup>. Essa intermediação não é isenta de ideologia. Como bem disse Gramsci: “tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante [...]”<sup>14</sup>. Ou seja, no caso da mídia, há uma seletividade de manchetes que reproduzem posições dos grupos dominantes e hegemônicos.

Partindo do entendimento de que não há neutralidade nos discursos, conforme defende Bakhtin na conhecida obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, as imagens exibidas nos noticiários de TVs não são gravadas de forma aleatória, os discursos dos jornalistas não são desprovidos de posicionamentos, visto que são permeados por uma orientação ideológica e pelos seus paradigmas de leitura de mundo. Além disso, cada emissora tem um auditório próprio (particular) com o qual mantém uma espécie de acordo prévio. Isso não impossibilita que outros auditórios tenham acesso ao conteúdo.

O auditório é definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com a sua argumentação”<sup>15</sup>. No caso do jornalismo, uma imagem distorcida do auditório pode gerar consequências desagradáveis para o jornal. Portanto, o auditório influencia diretamente a “qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores”<sup>16</sup>. Nessa perspectiva, os jornalistas precisam manter um determinado alinhamento ideológico tendo em vista a particularidade de valores e estereótipos admitidos por seu auditório. Assim, o auditório é uma construção do orador e não se limita apenas às pessoas que efetivamente tiveram ou terão acesso ao discurso.

---

11 Moraes, 2010, p. 57.

12 Idem, p. 57.

13 Silva, 2006, p. 42.

14 Gramsci, 2005, s./p.

15 Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 22.

16 Idem, p. 27.

Há, para esses autores, dois tipos de auditório. Embora nem sempre seja evidente tal distinção, o auditório universal, em termos gerais, é aquele formado por todos os seres racionais, “de modo a transcender as poucas oposições de que tem consciência”<sup>17</sup>. É um conjunto sempre potencialmente aberto (trabalhadores em geral, por exemplo). O auditório particular é aquele situado temporal e espacialmente, constituído por um grupo delimitado cujas variáveis de integrantes é possível manter um certo controle (sindicatos dos jornalistas e militantes do movimento negro, por exemplo).

## Subsídios da teoria do questionamento de Michel Meyer

Na perspectiva de Michel Meyer, falar ou escrever suscita uma questão, e toda questão exige em si uma resposta. Para esse autor, “existem três grandes possibilidades interrogativas decorrentes da estrutura interrogativa geral [...], que se completam [...], interpenetram-se sempre mais ou menos”<sup>18</sup>. Oliveira acrescenta que é papel da retórica interrogar e contestar “qualquer enunciado do tipo **m é n** [...], pelo menos, de três modos diferentes” (*grifos nossos*)<sup>19</sup>. Trata-se de um pensar problematológico.

Essa dimensão interrogativa da retórica é denominada por Meyer<sup>20</sup> como tríptico problematológico (ou tríptico argumentativo), que consiste em uma tripla forma de questionamento. Essa interrogatividade “conjuga os aspectos conjectural (relativo aos fatos), qualificativo (relativo ao predicado) e normativo (relativo ao que se pede ou quer), integrando *ethos, logos e pathos*”<sup>21</sup>. A problematologia, por sua vez, não deve ser levada a extremos nem ser um ato de questionar pelo dever de interrogar.

Trazendo a problematologia para o nosso *corpus*, frisamos que os discursos jornalísticos referentes à guerra entre Rússia e Ucrânia são volumosos e passíveis de questionamentos. Logo, diante da diversidade desses discursos midiáticos, somos levados a investigar sentidos e adequação de respostas aos problemas que nos são apresentados. Nessa direção, “a problematologia se coloca como perspectiva que desperta a natureza interrogativa do pensamento humano [...]”<sup>22</sup>, que tem como uma de suas premissas a regulação do pensamento por intermédio da diferença problematológica. Assim, o par essencial do pensamento humano torna-se o da pergunta e o da resposta.

A natureza problematológica da linguagem exige que as relações dialógicas aconteçam como uma busca por acordo. Na linguagem, encontramos dois modos de

---

17 Idem, 2005, p. 37.

18 Meyer, 1998, p. 44.

19 Oliveira, 2011, p. 97.

20 Meyer, 1998.

21 Oliveira, 2011, p. 98.

22 Idem, p. 98.

agir: pela resolução dos problemas e na formulação de questões dirigidas a outros sujeitos. Posto isso, Meyer conceitua a retórica como “a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada”<sup>23</sup>. No caso das guerras, as diferenças no tratamento de vidas perdidas em confrontos militares impõem uma distância simbólica. Cada país envolvido defende seus interesses coloniais e, conseqüentemente, põe em risco os valores fundamentais que regem uma nação, contudo, não permitem a existência de questionamentos, há um contexto de repressão. Diante disso, é fundamental pronunciar-se sobre aquilo que está em questão.

Na disputa entre a Rússia e a Ucrânia, observamos que as pautas dos jornais televisivos deram ênfase às narrações dessa guerra expondo um conflito imperialista de forma enviesada, a ponto de construir uma questão explícita, como se obrigasse o telespectador a escolher um lado. Na concepção da problematologia de Meyer, a identificação dos implícitos e explícitos pode se dar por inferência, recurso propício para a identificação das questões, quando estas não estão explícitas. No nosso *corpus*, questionamos: Será que outras guerras, que afetam países da África e do Oriente Médio, são foco na mídia? Quais vidas importam? Existe uma seletividade nas abordagens jornalísticas sobre as guerras? Ao observar as pautas apresentadas em um mesmo dia, como elas são organizadas? Quais guerras são noticiadas? Temos a seletividade de manchetes que reproduzem posições dos grupos dominantes e hegemônicos? Essas são questões de base desse estudo.

Partindo do tríptico problematológico, neste artigo, fundamentamo-nos em Meyer (1998; 2007) e Oliveira (2011) para analisarmos o nosso *corpus*. Para tentar compreender a *inventio*, adotamos duas perguntas sugeridas por Ferreira (2017): o orador deixa marcas no texto que demonstram estabelecer acordo com o auditório? Como negocia a distância?

## **Análise do *corpus***

Com foco na *inventio*, neste trabalho, realizamos uma análise das narrativas tendenciosas e enviesadas de dispositivos jornalísticos quando tratam sobre os acontecimentos da guerra entre Rússia e Ucrânia. Para isso, selecionamos o espaço do discurso jornalístico como armazém de provas e argumentos.

Em nossos procedimentos metodológicos, realizamos um levantamento de pautas abordadas por quatro emissoras brasileiras após a eclosão da guerra entre a Rússia e Ucrânia. Em virtude da dimensão do *corpus*, realizamos o recorte temporal relativo ao mês de abril, porque contabilizava-se o período de dois meses do conflito. E após acompanharmos os noticiários durante uma semana, selecionamos as pautas divulgadas em um mesmo dia. Dentre as pautas encontradas, recortamos para esta análise o evento de inundação de um pequeno vilarejo ao norte de Kiev. Nessa conjuntura, analisamos como quatro manchetes de um mesmo evento des-

---

23 Meyer, 2007, p. 25.

tacam processos de criação das provas que sustentarão o discurso, como também deixam pistas para a construção das imagens discursivas dos telejornais e de suas audiências. As pautas selecionadas no dia 30/04/2022 foram as seguintes:



CERCA DE 5,5 MILHÕES DE PESSOAS JÁ DEIXARAM A UCRÂNIA: AUTORIDADES INUNDARAM VILAREJO PARA ATRASAR RUSSOS.  
(*SBT BRASIL, DA REDE SBT*)



UM VILAREJO DA UCRÂNIA PROVOCA UMA INUNDAÇÃO PARA IMPEDIR O AVANÇO DE TROPAS RUSSAS.  
(*JORNAL HOJE, DA REDE GLOBO*)



GOVERNO UCRANIANO INUNDA VILAREJO PARA IMPEDIR AVANÇO DO EXÉRCITO RUSSO.  
(*JORNAL DA RECORD, DA RECORD TV*)



A GUERRA NA UCRÂNIA: EM MISSÃO HUMANITÁRIA, A ATRIZ ANGELINA JOLIE VISITA A CIDADE DE LVIV.  
(*JORNAL DA BAND, DA REDE BANDEIRANTES*)

Durante o processo analítico, somamos à análise das manchetes alguns enunciados emitidos durante as transmissões das reportagens em rede nacional, com o objetivo de detectarmos como os modos de “inventar o outro” perpassa por estereótipos e pela classificação de vidas mais/menos importantes.

A título de compreendermos melhor o emprego da problematologia, fundamentados em Meyer (1998; 2007) e Oliveira (2011), podemos demonstrar como exemplo de análise a manchete do dia 30 de abril de 2022, do *Jornal da Record*, da emissora de televisão Record, que apresenta a seguinte manchete: “Governo ucraniano inunda vilarejo para impedir avanço do Exército russo.”

É possível contestar problematologicamente esse enunciado de, pelo menos, três formas diferentes. 1) Não foi o Governo ucraniano que abriu as comportas da hidrelétrica, assim, essa reportagem é falsa; 2) Foi o Governo ucraniano que abriu as comportas, mas somente isso não seria suficiente para a inundação do vilarejo; 3) A Rede Record não tem competência para fazer reportagens internacionais, pois sempre reproduziu a partir do que outras emissoras produzem.

No primeiro questionamento, nega-se a existência do fato alegado, que pode ser subsidiado, por exemplo, por argumentos que exemplifiquem que a população ucraniana não faria tal ação de propósito, já que teria que abandonar suas casas sem ter para onde ir; no segundo, admite-se o fato, mas nega a predicação a ele atribuída: abrir as comportas da hidrelétrica não é motivo suficiente para a inundação do vilarejo, visto a sua extensão; e no terceiro questionamento, coloca-se em xeque a reportagem, desqualificando a competência da emissora que emitiu a informação.

Outrossim, a construção discursiva de cada manchete suscita sentidos representativos das emissoras. No caso do SBT, “Cerca de 5,5 milhões de pessoas já deixaram a Ucrânia: autoridades inundaram vilarejo para atrasar russos”. Destaca-se, inicialmente, o valor da quantidade: “5,5 milhões de pessoas já deixaram a Ucrânia”. Faz-se a referência a esse contingente, todavia, no decorrer da reportagem não se exhibe nenhuma informação sobre quem são essas pessoas, quais dificuldades enfrentam para deixar o país e obter refúgio em outras nações. A responsabilidade pela inundação é atribuída às autoridades. Na exibição das ocorrências, coleta-se a entrevista de duas moradoras brancas, contentes com o resultado do evento de inundação. Em seguida, o telejornal traz como destaque a morte de uma levantadora de peso, Alina Peregudova. Vejamos:

E foi em Mariupol onde aconteceu a **perda de uma promessa olímpica**. A levantadora de peso Alina Peregudova, de catorze anos, foi vítima de bombas lançadas pelo exército russo no prédio onde morava. **A mãe da atleta também morreu**.

A ênfase é dada à morte de uma promessa olímpica, assim, dentre as vítimas que estavam no prédio atingido, sobressai a perda de duas vítimas que ocupam posições sociais diferenciadas. Outro aspecto da realidade apresentada pela emissora em questão foi a visita da atriz Angelina Jolie à cidade de Lviv:

**Ela visitou um hospital e conversou com pacientes e funcionários...** Enquanto convivem com a realidade dos bombardeiros, **ucranianos têm retomado as atividades cotidianas**.

Ao retratar a atuação dessa figura pública, a emissora traz à tona um *ethos* prévio da celebridade, no sentido de mostrar para o auditório as ações humanitárias da atriz, em favor da paz, bem como o seu posicionamento ativo para o fim do conflito armado entre Rússia e Ucrânia. A apresentação desta visita traz à tona uma

forma de manter proximidade com o auditório apoiada nos valores defendidos publicamente pela atriz. Notamos que o jornal dá ênfase à condição de pessoas ucranianas. Não está em questão tratar da condição de pessoas refugiadas.

No *Jornal Hoje*, da Rede Globo, temos a manchete “Um vilarejo da Ucrânia provoca uma inundação para impedir o avanço de tropas russas.” Menciona-se o acontecimento como ação promovida pelo vilarejo da Ucrânia. A informação em questão coloca a comunidade local como responsável imediata pela inundação. Podemos contestar esse enunciado porque a comunidade não teria autoridade para a execução deste ato, seria uma ação tática das autoridades locais. No decorrer da reportagem, quando se aborda sobre as mortes decorrentes do conflito, a posição adotada pelo jornal não é muito diferente da postura analisada anteriormente, no SBT. Verificamos que durante a comunicação sobre as mortes, os argumentos, novamente, retomam o quantificável quando se afirma:

A polícia da Ucrânia encontrou **mais três corpos de civis** com sinais de tortura na cidade de Butcha, nos arredores de Kiev. E **até agora mais de mil corpos foram encontrados** e há sinais de que militares russos cometeram crimes de guerra.

Dessa vez, não se faz menção à identidade das pessoas, mas há um posicionamento do jornal quanto às possíveis violações cometidas pela Rússia. Observa-se, portanto, uma relevância ao modo como as vidas civis (em território europeu) estão sendo atingidas, como se nota em:

Volodymyr Zelensky acusou a Rússia de **bombardeios constantes em áreas residenciais e infraestrutura civil também.**

Na tentativa de suscitar uma resposta para o telespectador e mostrar que os fatos não ficam impunes, diferentemente de crimes cometidos em outras guerras, como a Etiópia e a do Iêmen, nesse caso, impõe-se uma distância simbólica entre os tratamentos de vidas perdidas no confronto europeu. E recorre-se à diplomacia britânica na busca de colaboração para as investigações realizadas no tocante aos crimes de guerra.

Para averiguarmos as interlocuções emitidas pela mídia brasileira, apresentamos a manchete do jornal da Rede Bandeirantes. Na mesma data mencionada anteriormente, temos a manchete: “A guerra na Ucrânia: em missão humanitária, a atriz Angelina Jolie visita a cidade de Lviv.”

A manchete apresentada pelo jornal da Rede Bandeirantes focalizou a presença da atriz Angelina Jolie, em missão humanitária, na Ucrânia. A chamada inicial é uma estratégia para dirimir as distâncias entre a repulsa pelos desfechos da guerra e a visita surpresa enviada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Notamos que a manchete não é retomada no desenvolvimento da reportagem, mas é o que capta a atenção do auditório no momento inicial da transmissão. Outro fato destacável é que o acontecimento de inundação do vilarejo no norte de Kiev não

foi mencionado. A constatação das mortes de civis foi a mesma da Rede Globo, todavia, a apresentação dos dados trouxe modificação nos elementos do discurso quando a emissora informa:

**O governo americano** deixou claro que não acredita que Vladimir Putin irá usar armas de destruição em massa. **Joe Biden chegou a dizer que se tratava de um blefe do líder russo.**

Verificamos que houve a utilização de um objeto de acordo, a “palavra de honra” do governo americano. O orador faz um esforço para direcionar a argumentação ao plano que lhe parece mais favorável, assim, a autoridade evocada torna-se um elemento decisivo para angariar a manutenção da confiança social. O jornal recorre à autoridade de Joe Biden porque coincide com a predileção da emissora. Mostra-se a supremacia norte-americana como símbolo de poder para decidir o que, supostamente, vai acontecer e quais serão os rumos da guerra. É, pois, um acordo estabelecido para se tratar do conflito, sob o ponto de hierarquização dos valores compartilhado entre o orador (emissora) e o auditório (telespectadores).

Nessa direção, o fazer retórico dessas reportagens funciona como ferramenta para reproduzir uma visão hegemônica e as posições ideológicas de governantes reacionários no poder. No tocante ao tratamento das guerras e das vidas que importam, compreendemos que no contexto atual de ângulos e enfoques nivelados pelos telejornais brasileiros existe uma dependência nas abordagens jornalísticas. Não se atende a interesses majoritários, a preocupação é perpetuar o unilateralismo norte-americano e construir a imagem da Rússia como um grande inimigo das nações, ocultando questões sensíveis, como guerras existentes no Oriente Médio, a situação de refugiados e de pessoas que sofrem os mesmos ou até maiores terrores além daqueles vivenciados pelos ucranianos.

## **Comentários finais**

Durante o primeiro semestre de dois mil e vinte e dois, a guerra entre Rússia e Ucrânia dominou o noticiário internacional. No período de seleção do *corpus*, não encontramos reportagens que enfatizassem os efeitos de outras guerras que continuam a destruir milhares de vidas em regiões como o Oriente Médio. Assim, outras guerras entram no modo comum e a imprensa brasileira não sente a necessidade de enfatizá-las.

Portanto, há uma seletividade sobre qual guerra noticiar. Trata-se de estratégias retóricas adotadas pelo jornalismo (o orador) que só funcionam se estiverem compatíveis com o auditório. Esses valores negociados, a depender do auditório específico de cada meio de comunicação, podem focar mais em um determinado (ou mais de um) detalhe para atender às exigências do seu público em específico.

Assim, tudo é selecionado e organizado de acordo com a imagem que o orador possui do auditório, pois essa imagem pode favorecer o processo de persuasão.

Os valores negociados são aqueles que giram em torno da solidariedade e co-moção para uma parcela do mundo, aquela associada a uma “supremacia europeia”. Ao analisar a conduta da imprensa brasileira, detectamos formas de silenciamentos que denunciam a desumanização de minorias étnicas, por exemplo. Todavia, essa insensibilidade com as minorias não é um fato novo.

As vidas perdidas nos confrontos entre Rússia e Ucrânia têm relevância tanto quanto as vidas perdidas nos confrontos que acontecem na Etiópia e no Médio Oriente. A imprensa brasileira precisa posicionar-se sobre questões que giram em torno dos impactos econômicos das guerras sem esquecer das violências de ordens: étnica, religiosa, cultural e de gênero, que atravessam e perpetuam a fase efetiva e pós-guerra.

Esperamos que essas reflexões suscitem novos posicionamentos sobre a realidade de minorias que sofrem com a guerra. Além disso, que haja o fomento à luta pela efetivação de direitos humanos e de um discurso eficaz sobre a paz.

## Referências

- A GUERRA na Ucrânia: em missão humanitária, a atriz Angelina Jolie visita a cidade de Lviv. [S. L.: s. n.], 30 abr. 2022. 1 vídeo (57 min [13:42 a 15:15]). Produção de jornalistas do telejornal Jornal da Band, da Rede Bandeirantes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRk95JkBiIs>. Acesso em: 20 maio 2022.
- BAKHTIN, Mikhail M. (V. N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Original de 1929.
- BOBBIO, Norberto. **O problema da guerra e as vias da paz**. Trad. Álvaro Lorençini. São Paulo: UNESP, 2003.
- CERCA de 5,5 milhões de pessoas já deixaram a Ucrânia: autoridades inundaram vilarejo para atrasar russos. [S. L.: s. n.], 30 abr. 2022. 1 vídeo (2 min). Produção de jornalistas do telejornal SBT Brasil, do SBT. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=D27HwO\\_msIY](https://www.youtube.com/watch?v=D27HwO_msIY). Acesso em: 20 maio 2022.
- CORREIA, João Carlos. Ideologia e Hegemonia. In: Albino Rubim (org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: EDUFBA, 2004.
- FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. 1. ed. 1. reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017.
- GALLAS, Daniel. Além da Guerra na Ucrânia: 7 conflitos sangrentos que ocorrem hoje no mundo. **Terra**, 14 mar. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/alem-da-guerra-na-ucrania-7-conflitos-sangrentos-que-ocorrem-hoje-no-mundo,db79a3ed-43c3456b09f610915e16ea57bkipwk6s.html>. Acesso em: 26 maio 2022.
- GOVERNO ucraniano inunda vilarejo para impedir avanço do Exército russo. [S. L.: s. n.], 30 abr. 2022. 1 vídeo (2 min). Produção de jornalistas do telejornal Jornal da Record, da Record TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hkBrCyLnyGs>. Acesso em: 20 maio 2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Os jornais e os operários**. Primeira Edição de Jornal Avant, 1916. Transcrição de Alexandre Linhares para Marxists Internet Archive, 2005. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>. Acesso em: 03 jun. 2022.
- MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.
- MEYER, Michel. **Questões de retórica, linguagem, razão e sedução**. Lisboa, Edições 70, 1998.
- MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- OLIVEIRA, Renato José de. A Nova Retórica, a Problematologia e a Educação. In: LEMGRUBER, Márcio Silveira; OLIVEIRA, Renato José de (org.). **Teoria da Argumentação e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011. p. 91-105.
- PIOVEZAN, Elíoenai dos Santos. O lugar do Autor na escola. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.
- REGINA, Vitória; LIBERATOR, Norberto. Quando o racismo entra na guerra: conflito entre Ucrânia e Rússia explicita interesses coloniais opostos, enquanto análises escancaram discurso de supremacia branca. **Badaró**, 12 mar. 2022. Disponível em: <https://www.revistabadaro.com.br/2022/03/12/quando-o-racismo-entra-na-guerra/>. Acesso em: 03 de maio 2022.
- SILVA, Igor Marx Freire Ferreira Lima e. Enquadramentos de Guerra: a cobertura do recente conflito no Iraque em dois jornais brasileiros. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Tradução: Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa Editora, 2014.

UM VILAREJO da Ucrânia provoca uma inundação para impedir o avanço de tropas russas. [S. L.: s. n.], 30 abr. 2022. 1 vídeo (40 min [23:52 a 26:48]). Produção de jornalistas do telejornal Jornal Hoje, da Rede Globo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zLsbyEfmME>. Acesso em: 20 maio 2022.

VENTURA, Deisy F. Lima; SEITENFUS, Ricardo A. Silva. **Um diálogo entre Einstein e Freud**: por que a guerra. Santa Maria: Fadisma, 2005.